

Prevista queda na atividade industrial

Expectativa de empresários indica retorno aos níveis da crise de desvalorização do real

Rivadávia Severo
do Rio

A atividade industrial continua em queda no País, segundo pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) que mede as expectativas do empresariado nacional quanto à produção, faturamento e emprego.

A sondagem industrial da CNI revela que o nível de atividade da indústria caiu pelo terceiro trimestre consecutivo, num período em que, historicamente, a indústria de transformação daria sinais de robustez visando às vendas de final de ano.

O sentimento dos empresários indica que a situação econômica do País continua se deteriorando e os indicadores mostram que a atividade aponta para níveis do começo de 1999, quando o Brasil passou por uma forte crise, com a desvalorização do real.

De acordo com o economista da CNI, Renato da Fonseca, os fatores que mais contribuíram para a queda gradual da produção foram a alta na taxa de juros e do câmbio, as turbulências causadas pela economia argentina, as perspectivas negativas sobre o racionamento de energia e os ataques terroristas de 11 de setembro aos Estados Unidos.

O indicador de produção da sondagem somou a média de 48,7 pontos, contra 49,2 pontos do segundo semestre. Pela metodologia utilizada, numa escala de zero a 100, valores acima de 50 pontos são considerados positivos e abaixo de 50 pontos apontam para retração no nível de atividade.

A confiança dos empresários para os próximos seis meses também é desfavorável. O indicador de expectativa de faturamento reduziu-se desde a última sondagem, ficando abaixo dos 50 pontos, especialmente devido as expectativas dos pequenos e médios empresários.

As compras de matérias-primas com 47,9 pontos e o número de empregados com 45,5 pontos também indicam um recuo da atividade econômica para os próximos seis meses.

Outro item que mereceu destaque negativo foi o capítulo das exportações, onde a sondagem indica uma "forte retração" por causa do cenário desfavorável para as vendas aos Estados Unidos e América Latina. "Apesar da forte desvalorização do real, que poderia conferir competitividade aos manufaturados nacionais", comentou Fonseca.

Entre janeiro e agosto deste ano, o Brasil exportou 34% de suas manufaturadas para os americanos, somando US\$ 7,5 bilhões e 34%, para os países latino-americanos que renderam US\$ 6,4 bilhões.

O levantamento foi realizado entre 20 de setembro e 16 de outubro. Responderam ao questionário da CNI 1.586 empresas de todo o País, a maioria de empresários de pequeno e médio porte (1.329) que, conforme Fonseca, sentem mais os efeitos nocivos da crise econômica.